

uma vida adiada

dita kraus

Tradução de Jorge Candeias



PARTE I
1929-1942



Porque lhe Chamei *Uma Vida Adiada*?



A minha vida não é a vida real. É qualquer coisa antes do início da «vida real», uma espécie de prefácio à narrativa. Ainda não é o que conta, mas um mero ensaio. E alguém está a observá-la de trás, ou talvez de cima, e a fazer julgamento. Há um ser que controla e julga o meu comportamento. Talvez não esteja lá fora, mas dentro de mim. Poderá ser a minha mãe? Ou a minha avó? Ou talvez algo mais interno... o meu Id? Não faço ideia. Mas está constantemente presente, segurando um espelho invisível à minha frente.

Consigo sentir a sua aprovação ou desaprovação, sendo que esta faz contorcer-me para dentro, tentando suprimir a incómoda consciência, ou arranjar desculpas para mim, apesar de a sensação negativa ser extremamente tenaz e impossível de enxotar. Faço um esforço para encontrar motivos para ter feito ou dito o que o meu controlador acha insatisfatório, mas ao mesmo tempo sei que só estou a tentar justificar os meus erros.

Ainda não sei como é que isto se liga a eu ver a minha vida como algo protelado. Estou, desde que me lembro, mais concentrada no amanhã do que consciente da experiência que estou a ter em cada momento específico. Mesmo agora, quando estou num concerto, os meus pensamentos estão virados para a viagem de regresso e para a agenda do dia seguinte, não para a música que vim ouvir. Quando como, a minha mente está na lavagem da louça e quando me deito já estou a planear o que tenho de fazer quando me levantar. Nunca estou no aqui e agora, e parece-me que estou a perder o desfrute do presente. Há demasiado controlo: sem nunca me deixar ir; sem nunca me descontrair por completo. Há sempre a presença do «Vigilante», eternamente a julgar-me.

Deve ter sido com uma idade muito tenra que comecei a adiar a minha vida. Era uma forma de adiamento indefinido, uma satisfação diferida. Como era que eu «adiava»? Aceitava o facto amargo de que não ia obter o que desejava, certamente não em breve e provavelmente nunca. Dizia a mim mesma que tinha de esperar pacientemente; talvez a satisfação chegasse mais tarde. Ou nunca. Pensava que se pusesse as esperanças em banho-maria e não pensasse no assunto talvez um dia este se resolvesse.

Nalgum lugar profundo, não deixava de pensar que o círculo iria dar a volta e as coisas se reorganizariam na sequência própria, que tudo iria retomar o seu lugar normal; eu só teria de adiar.

Mas, de algum estranho modo, essas passagens adiadas da minha vida — esses espaços vazios — criaram descontinuidades, de tal forma que o mosaico da minha vida tem pontos cegos onde a imagem ficou inacabada.

E há tantas dessas descontinuidades. Como preenchê-las? O tempo está a esgotar-se; quem sabe quanto tempo ainda tenho para viver? Já sou avó de quatro netos e bisavó de quatro bisnetos. A maioria das pessoas dos meus primeiros anos já não estão vivas e não podem responder às minhas perguntas. Tentarei reunir os fragmentos e escrevê-los; talvez desponha um diagrama que consiga preencher os espaços deixados em branco no mosaico...

Infância



As minhas recordações mais antigas emergem do nada vazio que antecede a memória consciente. Fazem lembrar uma imagem a tremeluzir por um instante no ecrã e a voltar a desaparecer na escuridão. Mas cada uma dessas imagens fugazes está insuflada de emoção.

Fui posta na balança para bebés, sobre a mesa coberta com um oleado branco, no consultório médico. Estou nua e o metal é duro e frio nas minhas costas. Talvez tenha dois anos, dois anos e meio. A mãe e a médica de bata branca estão em pé por cima de mim. Não estou assustada porque elas sorriem.

A nossa pediatra era a Dra. Desensy-Bill. Lembro-me de visitas, mais tarde, quando ela punha a palma da mão no meu peito, batia nela com o dedo médio e depois escutava, encostando a orelha à minha pele. O consultório estava ligado aos seus aposentos privados por uma porta castanha, forrada a couro, com botões de latão.

Às vezes a mãe ficava a conversar com a médica e mandavam-me atravessar a porta grossa — que, embora fosse pesada, se movia com facilidade e sem ruído — para ir brincar com a filha dela, Lucy. A Lucy tinha mais ou menos a minha idade, mas eu não simpatizava com ela — era chata.

Outra memória. É noite e eu estou em pé na cama, a chorar e aterrorizada. Devo ser ainda muito pequena, pois estou a agarrar a rede de proteção do berço com ambas as mãos. A mãe e a Mitzi, a nossa criada, estão comigo, tentando acalmar-me. Mas eu não me deixo acalmar, porque apenas um momento antes uma mão tinha atravessado a parede querendo agarrar-me. A mãe ergue-me do berço e leva-me até ao outro lado da parede, que é a casa de banho, para me mostrar que não há nenhum buraco na parede. Tanto ela como a Mitzi dizem-me que nenhuma mão pode atravessar uma parede sólida. Mas elas não sabem; não viram a mão. Eu vi. Quando paro de chorar, elas voltam a pôr-me na cama, julgando que me deixei convencer. Tapam-me e desligam a luz. Mas o terror permanece e depois disso, ao longo de muitas semanas, só consigo adormecer quando o berço é afastado da parede.

Da escuridão do desconhecimento emerge outra cena. É muito perturbadora. Estou na banheira e a mãe está sentada na borda. De repente vejo lágrimas a correr silenciosamente dos seus olhos. A mãe está a chorar em silêncio. Isso assusta-me e também começo a chorar. «O que foi que eu fiz?», pergunto. «O que foi que eu fiz?», mas ela limita-se a abanar a cabeça e não responde. Não sei por que motivo a minha mãe chorou. Tê-la-ia alguém magoado? Teria sido culpa minha? Ter-me-ia portado mal? Não faço a mais pequena ideia. Mesmo agora, ao recordar o acontecimento, sinto mágoa, culpa e dor.

O nome de solteira da minha mãe era Elisabeth «Liesl» Adler. Tinha um irmão chamado Hugo, que era dez anos mais velho. A mãe deles morreu quando Liesl era bebé, e o pai, um juiz, voltou a casar. A mãe disse-me que a madrasta era justa e cuidadosa mas faltava-lhe calor e amor maternal. Não me lembro do avô Adler; ele morreu pouco depois de eu nascer. O Hugo também se tornou juiz. Casou mas não teve filhos. Só o vi duas vezes na vida.



Wilhelm Adler com a filha Elisabeth Adler-Polach

EU E A MÃE FIZEMOS UMA PARAGEM DE DOIS OU TRÊS DIAS EM BRNO A CAMINHO das férias nos montes Tatra, quando eu tinha uns seis ou sete anos. Lembro-me vivamente de duas cenas dessa visita. A mãe rebentou em lágrimas quando entrou no apartamento do tio Hugo. Era o mesmo apartamento onde a mãe tinha crescido; quando casara, o Hugo ficara a morar lá. Ainda lá estava a mesma mobília, que trazia memórias antigas.

A outra cena de que me lembro foi no tribunal. O Hugo, a usar a capa violeta de juiz, presidia a um julgamento, e nós sentámo-nos ao fundo da sala de audiências. Quando o julgamento terminou, a mãe comentou que tinha sido calmo e pouco excitante, e o Hugo respondeu: «Eu não trato de divórcios; é por isso que os meus julgamentos são aborrecidos.»

Os meus pais mudaram-se da sua Brno natal para Praga pouco depois de terem casado. Alugaram um pequeno apartamento no piso térreo de uma vivenda. Havia um jardim com um relvado, canteiros de flores e groselheiras em volta da vedação. Eu tinha autorização para colher as groselhas mas não gostava delas porque eram peludas e amargas. O Sr. Hackenberg, o dono, era amigo e colega de partido do meu avô Johann.

Os Hackenberg tinham um enorme pastor-alemão chamado *Putzi*, que era tão gentil que me deixava montá-lo. Há uma fotografia que me mostra nua, com uns dois anos, em pé ao lado do cão, e somos ambos da mesma altura.

Ocorre-me uma recordação: o Sr. Hackenberg e a minha mãe estão sentados num banco no jardim, enquanto eu estou a brincar na caixa de areia. Estou a cavar com as mãos, a fazer um túnel. De repente, uma coisa horrorosa, cor-de-rosa e viscosa, sai do buraco a contorcer-se e vem na minha direção. Grito de terror e fujo para os braços protetores da minha mãe. Quando ela compreende o que me tinha assustado, rebenta em gargalhadas. O Sr. Hackenberg também se ri. Sinto-me envergonhada, humilhada. Como podem eles rir estando eu tão assustada? A minha mãe tinha formado uma aliança com o Sr. Hackenberg e os dois troçam de mim. Ela desapontou-me, traiu-me. Como haveria eu de saber que aquilo era só uma inocente minhoca? Foi a primeira vez na vida que vi uma criatura tão horrível.

Tinha cerca de três ou quatro anos quando mudámos para outro apartamento em Praga-Holešovice e a nossa criada, Mitzi, deixou-nos nessa altura. Hoje em dia só os ricos têm uma criada permanente, mas na Europa do pré-guerra era prática corrente. As jovens filhas de aldeões pobres vinham para a cidade procurar emprego, aprender a cozinhar, aprender boas maneiras e, com sorte, arranjar marido. Ocupavam um minúsculo quarto que quase todos os apartamentos forneciam para a criada, recebiam um pequeno salário e uma tarde e uma noite livres por semana. Era frequente não

ficarem muito tempo com a família, fosse por serem demasiado lentas ou por serem apanhadas a roubar, e algumas ficavam grávidas e tinham de ser mandadas embora.

A minha mãe tinha orgulho por o motivo de a Mitzi nos ter deixado ser o seu próximo casamento. O futuro marido era um sapateiro que tinha uma loja na esquina da rua principal, perto da paragem do elétrico número 6. Pouco depois de ter casado, a Mitzi convidou-me para tomar o pequeno-almoço com ela num domingo. Tive autorização de ir sozinha; nos domingos de manhã a rua estava deserta e eu fiquei muito orgulhosa por caminhar sem companhia. A Mitzi e o marido viviam atrás da loja, num quarto que cheirava a cola e a couro. A loja estava fechada e a Mitzi fez-me sentir uma convidada de honra. Serviu-me uma grande fatia do seu *Gugelhupf*, o mesmo que a minha mãe costumava fazer, mas o dela sabia mais a festa, não sei porquê. Fiquei muito feliz e orgulhosa por ser tratada como adulta.

Houve mais pequenos-almoços daqueles, mas foram-se tornando mais raros e, passado algum tempo, a Mitzi e o seu sapateiro mudaram-se para longe; acho que tiveram de fechar a loja porque não lhes dava o suficiente para viver. Nunca mais ouvimos falar dela.

Enquanto a Mitzi ainda estava connosco, eu e a minha mãe fomos passar umas férias na sua aldeia natal. Ficava na região de fala alemã chamada Böhmerwald, também conhecida como Floresta Boémia. A Mitzi ficou lá connosco durante alguns dias, mas depois voltou para Praga a fim de orientar os pintores, que estavam a redecorar o apartamento durante a nossa ausência. Lembro-me disso porque quando voltámos para casa ela cheirava a tinta fresca e a soalhos acabados de encerar.

Havia um rio pouco profundo por trás da quinta onde nos alojámos. Outra memória vem à superfície: eu e várias crianças da terra, mergulhadas no ribeiro até aos joelhos. A água que caía em cascata era límpida como cristal e nós estávamos a apanhar ouro. Sim, ouro genuíno. Os grãos não eram maiores do que sementes de papoila mas brilhavam por entre as pedrinhas na água transparente.

Segurámo-los nas palmas das mãos e deixámos o sol brincar com eles. Foi muito excitante. Hoje, quando vejo um filme sobre a corrida ao ouro sorrio e lembro-me de como também eu fui em tempos prospetora de ouro.

FOI NESSA ALDEIA QUE SOUBE PELA PRIMEIRA VEZ QUE EXISTIA A MORTE.

Havia uma estrada que acompanhava o sopé da colina na margem oposta do rio. Um cavalo jazia na estrada, com a cabeça e o pescoço pendurados

do acentuado talude. Atrás do cavalo estava uma carroça virada. O cavalo não se mexia. Fiquei ali durante muito tempo, a observar, à espera que se levantasse. Havia várias pessoas em volta. Também elas esperavam. Mas o cavalo não se mexia e eu comecei a aperceber-me do terrível e assustador facto de que o animal nunca mais voltaria a erguer-se... de que estava morto. Fiquei muito perturbada e assustada. Contudo, como aconteceu com outras descobertas feitas mais tarde na vida, não foi como se estivesse a deparar-me com um novo fenómeno, mas como se algum conhecimento, que tinha estado adormecido dentro de mim, emergisse à luz da consciência. Como Platão escreveu: «Muito do nosso conhecimento é inerente à psique em forma latente.» Foi a primeira insinuação de que o mundo não era um lugar tão luminoso e feliz como tinha sido até esse ponto.

O meu encontro seguinte com a morte ocorreu alguns anos mais tarde, quando eu tinha oito. Uma manhã, perto da escola, vi um grupo de crianças encostadas à vedação que cercava o recreio. Atrás da vedação havia uma vertente inclinada e no fundo passava a linha férrea. Aí, nos carris, jazia uma silhueta: um morto, que se assemelhava mais a uma pilha de roupa do que a um corpo. As crianças estavam a fitá-lo, caladas e imóveis. Foi um momento de profunda tristeza. Eu sabia que tinha sido suicídio; alguém, que já não queria viver, tinha saltado para baixo do comboio. O sítio ficou para sempre associado na minha memória com a tragédia. Mesmo quando, após quase 60 anos, voltei a parar perto da minha antiga escola, fui atraída para o mesmo ponto da vedação, como se a lastimável figura ainda aí estivesse caída.

UMA VISITA FREQUENTE NA NOSSA CASA ERA A TIA LORI (UMA PARENTE afastada da avó), de quem eu gostava muito. Ela trazia-me sempre presentes lindos. Não era casada e não tinha filhos, mas sabia perfeitamente o que agradaria a uma rapariguinha.

Uma vez trouxe-me um cão-salsicha de peluche. Chamei-lhe Waldi. Era preto, suave como veludo e fofo e tinha uma coleira de couro vermelho e uma trela. Eu «passeava-o» atrás de mim como via as pessoas fazerem com os cães verdadeiros.

Um dia estava sentada com o meu cão num pequeno banco à frente do nosso prédio quando precisei de subir. Amarrei a trela à grade da janela da cave e disse ao Waldi para ser bonzinho e esperar por mim. Costumava ver cães amarrados a um poste à frente das lojas, à espera dos donos.

Quando regresssei, o cão tinha desaparecido. Fiquei imensamente infeliz. Não conseguia compreender que alguém fosse tão mau e cruel que

levasse o meu cão e que nunca mais voltasse a ver o Waldi. Chorei amargamente de dor e desilusão.

AO PASSO QUE A MITZI TINHA VINDO DA ZONA FRONTEIRIÇA DE FALA ALEMÃ, a nossa segunda criada viera de uma aldeia checa. Os meus pais tinham sido educados em língua alemã, como acontecia com a maior parte dos judeus de Brno desses tempos. Falavam checo bastante bem, mas o perfeccionista que era meu pai não queria que eu apanhasse as suas imprecisões ocasionais. Portanto ficou decidido contratar uma rapariga checa, com a qual eu pudesse aprender o sotaque nativo.

Passei pela Maria na escada, no dia em que ela veio apresentar-se. Estava a voar escada abaixo com o casaco aberto a esvoaçar. Os nossos olhos encontraram-se e apaixonei-me por ela. Não sabia que ela vinha do nosso apartamento, mas quando voltou passados alguns dias para viver connosco fiquei muito feliz. Devia ter uns 16 anos, era muito bonita e cheia de vida e de risos. Ela também gostava de mim, e eu gostava mais de dar passeios com ela do que com os meus pais. Lembro-me de me falar dos seus patrões anteriores, que eram muito severos com ela. Indicou-me a casa deles e falou-me da ditatorial Sr.^a Brod. Imaginei-a como a bruxa madrasta da Branca de Neve.

Eu e a Maria tornámo-nos conspiradoras. A minha mãe nunca queria comprar-me limonada colorida ou chupa-chupas aos vendedores de rua, mas a Maria era doida por essas guloseimas e às vezes comprava-as para as duas, usando o seu dinheiro e fazendo-me jurar segredo.

O nosso apartamento tinha duas assoalhadas grandes e uma pequena. O quarto pequeno era o meu e as outras assoalhadas eram o quarto dos meus pais e a sala, com a mesa redonda de jantar no meio. A nossa Maria, por conseguinte, passava as noites numa cama de armar na cozinha, que todas as manhãs empinava e escondia por trás de uma cortina. Tinha na cozinha para si um guarda-roupa privativo, com um espelho de corpo inteiro lá dentro. Costumava esconder-se atrás da porta aberta quando se vestia, antes de sair para a sua tarde de folga semanal.

Uma vez enfiei-me à socapa atrás dela e vi-lhe os seios. «Os teus *brunsliky* são maiores que os da minha mãe», disse. Ela rebentou em gargalhadas e, quando contou à minha mãe o que eu tinha dito, também ela se juntou ao divertimento. *Brunsliky* era uma palavra sem significado, que eu devia ter inventado ou atamancado a partir de outra, mas desde então transformou-se no termo oficial na nossa família para designar essa parte da anatomia feminina.

O trabalho da Maria não era difícil: os soalhos estavam cobertos por tapetes que tinham de ser aspirados; de vez em quando, as janelas de vidro duplo precisavam de ser lavadas; o chão de pedra da cozinha tinha de ser polido. Uma das características da nossa casa, que espantava os visitantes, era a lavandaria automática na cave. Como havia cerca de dezasseis apartamentos em cada uma das duas alas da Casa Elétrica, tínhamos de reservar com antecedência junto do zelador o nosso dia de lavar roupa.

Eu adorava acompanhar a Maria quando ela levava os dois grandes cestos de roupa suja para baixo no elevador. O ar na cave era seco e quente e cheirava a sabão e limpeza. Os dois enormes tambores das máquinas de lavar rodavam com um zunido grave. Havia cabinas de secagem a ar quente. Eu gostava de ouvir a campainha que anunciava o fim da secagem, e depois a Maria acionava as roldanas, tirava para fora os lençóis engomados e passava-os seguidamente pela prensa de passar. Algumas horas mais tarde subíamos ao quarto andar, com os lençóis lindamente dobrados e perfumados.

EU COSTUMAVA DESPERTAR AO SOM DA TRITURADORA DE CAFÉ. A MÃE COMPRAVA todas as semanas 100 gramas de café acabado de torrar. Eu também bebia café ao pequeno-almoço, mas era uma parte de café e três partes de leite. A Maria sacudia as almofadas e as colchas e pendurava-as da janela aberta para arejar. Quando eu e a mãe íamos às compras, dirigíamo-nos primeiro ao talho e comprávamos a carne para o jantar; depois íamos ao leiteiro comprar leite e manteiga. Eu pedia sempre à mãe para me levar à Loja de Doces do Pilař, mas isso só acontecia raramente porque tínhamos de economizar. A loja era atapetada de uma parede à outra e cheirava maravilhosamente a baunilha e chocolate. Eu sabia que podia escolher dois bolos; normalmente optava por um *indianerkrapfen* com base de chocolate e um suspiro, ambos recheados de chantili. O Sr. Pilař tinha um saco triangular de tecido castanho com um bico branco na ponta, de onde fazia sair uma espiral de chantili fresco. Pousava dois delicados bolinhos num prato de cartão e embalava-os cuidadosamente para não os esmagar. A mãe deixava-me levar o pacote, mas eu só estava autorizada a comê-los depois do jantar para não me estragarem o apetite.

Eu era esquisita a comer. O que me desagradava, simplesmente não comia e, como era magra, a família estava ansiosa por me fazer ingerir qualquer coisa saudável. Eu ficava com náuseas quando o mais insignificante bocadinho de película de leite flutuava no meu café. A carne tinha de ser absolutamente magra, sem qualquer vestígio de gordura; se não fosse, deixava no prato a refeição inteira, mesmo depois de a mãe ter removido o

bocadinho repulsivo. Ela experimentou vários métodos educativos, dizendo-me que milhões de crianças no mundo inteiro passavam fome e ficariam felizes por terem tão boa comida como eu tinha. Convidou uma amiga para jantar, para eu ver como as outras crianças comiam como devia ser. Todos os dias tinha de engolir uma colherada do muito malcheiroso óleo de fígado de bacalhau para não apanhar raquitismo. Nada ajudou. Por fim, a mãe desistiu e passou a cozinhar em separado para mim esparguete com queijo parmesão ou *schnitzel* com batatas fritas.

Uma vez, os meus pais tiveram uma grande ideia. O movimento juvenil dos social-democratas estava a mandar os filhos dos membros para umas férias de inverno nas montanhas de Jizera. Destinava-se a crianças em idade escolar, enquanto eu só tinha cinco anos e ainda estava no jardim infantil. Mas um dos adultos que acompanhariam as crianças era a Giesl, uma nossa amiga e vizinha de cima, pelo que fui aceite e posta sob os seus cuidados especiais. Todas as crianças eram mais velhas do que eu, mas não me importei. Andámos de trenó e de esqui e também nos divertimos com jogos no hotel rústico onde nos alojámos.

O pessoal deve ter sido avisado sobre o meu problema alimentar.

Ainda consigo ver-me sentada na sala de jantar, com um prato de qualquer coisa impossível de identificar à minha frente e desconfiada dele. Não lhe toquei. Ninguém se zangou e fui autorizada a sair da mesa com os outros. Mas na refeição seguinte toda a gente recebeu um prato diferente, ao passo que no meu prato estava a coisa que eu tinha recusado ao meio-dia. Voltei a não lhe tocar.

No dia seguinte vestimos roupa quente e fomos dar um passeio na floresta. Caminhámos pela neve e chegámos a um pequeno riacho, todo gelado, com uma estreita abertura no centro onde víamos a água que corria em cascata. A atravessar o riacho havia uma prancha de madeira com um corrimão de um dos lados. Começámos a atravessar um por um, e de repente a minha memória ficou em branco.

Acordei numa grande cama desconhecida, tapada com um enorme edredão. Havia vários adultos à minha volta e Giesl estava dobrada sobre mim. Não compreendia o que se estava a passar. Mais tarde, as crianças disseram-me excitadamente que eu tinha desmaiado perto do riacho e tinha sido levada de volta sem sentidos. Deram-me chá e coisas boas para comer; eu tinha-me transformado no centro das atenções de toda a gente.

Durante o resto das maravilhosas férias, ninguém tentou obrigar-me a comer o que não me agradava. O meu problema alimentar permaneceu como dantes.

...

QUANDO VOLTÁVAMOS DAS COMPRAS, A MÃE E A MARIA COMEÇAVAM A COZINHAR. Hoje não consigo compreender o que as duas faziam na cozinha durante pelo menos duas horas todas as manhãs. Havia sempre várias panelas a fumar no fogão elétrico, e ambas as mulheres, com os seus aventais e caras coradas, mexiam, cortavam ou descascavam. Por vezes faziam macarrão, rolando a massa em finas folhas que eram postas a secar em toalhas brancas postas por cima de todas as mesas e camas, por todo o apartamento. Mais tarde cortavam-nas em macarrão fino para a sopa, em massa mais larga e em quadradinhos para o maravilhoso *schinkenfleckerln*. A mãe fazia um prato com a massa larga, salpicada de açúcar e sementes de papoila ou canela.

No verão, a mãe fazia conservas e compotas para o inverno. Alperces, morangos ou cerejas eram cozinhados com açúcar e depois postos em boiões de vidro com tampas apertadas. Os boiões eram, por sua vez, metidos numa enorme panela com um termómetro no meio. Quando arrefeciam, a mãe escrevia as datas em etiquetas e arrumava os boiões em filas nas prateleiras da despensa. No outono, quando as ameixas estavam maduras, fazia uma maravilhosa compota preta chamada *powidel*, que era usada como recheio em bolinhos ou no *buchty*, uma espécie de pãozinho cozido, tão adorado pelos checos.

No dia das lavagens, o jantar era simples. Era frequente ser *wurstgoulash*, feito com batatas e cubos de salame com molho. Mas a refeição mais comum era guisado, de que o meu pai gostava em particular. A mãe guardava sempre uma porção para ele e à noite o meu pai mergulhava bocados de pão no molho. A comida de que eu mais gostava era a sobremesa que a mãe fazia às vezes ao domingo, especialmente quando o irmão mais novo do pai, o Ernst-Benjamin, vinha jantar. Chamava-se *dukatengebuchteln*, e eram uns bolinhos quadrados de massa levedada, cobertos com um delicioso molho quente e doce de baunilha.

As refeições eram servidas na mesa oval verde do meu pequeno quarto. A cozinha era demasiado estreita para ter mesa e cadeiras. Era muito incomum que a criada partilhasse a mesa da família, mas quando a Maria trazia a terrina da sopa sentava-se e comia connosco. Os meus pais, como eram socialistas, acreditavam em verem-se livres das distinções de classe. A Maria era uma empregada mas nunca era tratada como inferiora.

Depois do jantar, a Maria lavava a loiça e a mãe ia deitar-se no sofá do seu quarto para fumar um cigarro. Eu costumava ajoelhar-me junto dela e suplicar-lhe que deixasse «a cinza comprida». Ela segurava o cigarro com grande cuidado por cima do cinzeiro pousado sobre o abdómen, sem fazer

cair a cinza, deixando-a crescer cada vez mais até quase lhe queimar os dedos. Quando a cinza finalmente se soltava e caía, eu largava sempre um suspiro de desapontamento.

A mãe só descansava um bocadinho, após o que íamos ao parque. Havia dois parques perto do lugar onde vivíamos: um chamado Stromovka, o outro Letná. Este ficava um pouco mais distante e era mais pequeno, ao passo que Stromovka era o antigo Parque Real, estendendo-se até ao rio Vltava. Havia uma espécie de ponte, feita de vários barcos de fundo chato amarrados uns aos outros, e eu adorava andar por ela porque balançava suavemente com as ondas. Na outra margem ficava o jardim zoológico de Praga. Em ambos os parques havia recreios infantis com caixas de areia, mas eu preferia o Letná, ao passo que a mãe queria sempre ir ao Stromovka. Era verdade que no Stromovka havia umas lagoazinhas com patos e patinhos penugentos a nadar freneticamente atrás das mães, criando um V na superfície, e podíamos alimentá-los com bocadinhos de pão duro. Também havia um grande número de esquilos castanhos, a saltitar bastante perto dos nossos pés. Por uma coroa (o dinheiro checo), a mãe comprava por vezes amendoins a um homem que transportava uma bandeja presa a uma faixa passada em volta do pescoço, com recipientes em forma de cone feitos com jornais. Eu era autorizada a partilhar os amendoins com o esquilo. Este sentava-se nas patas traseiras, segurando o amendoim nas suas minúsculas patinhas e mordiscando-o delicadamente com os dois longos dentes da frente. Por vezes ia-se rapidamente embora e enterrava o amendoim para o inverno. Eu adorava observar as pequenas criaturas com as suas caudas peludas, que ondulavam como um duplo arco.

A mãe gostava do Stromovka por causa do seu magnífico jardim com fileiras de rosas de todas as cores e tamanhos, algumas quase a rastejar pelo chão, outras em grinaldas ou a subir por treliças, mas a mim aborreciam-me. Queria ir ao Letná, onde conhecia várias crianças e onde um homem vendia balões. A mãe às vezes cedia e comprava-me um balão. Uma vez, enquanto o transferia para a outra mão, ele escapou e voou para o céu. Eu esperava que voltasse a descer, como acontecia a todas as outras coisas que atirávamos para cima, e fiquei transtornada, até às lágrimas, quando o meu novo balão se perdeu.

As crianças que brincavam no Parque Letná eram bem vestidas; algumas vinham acompanhadas de governantas com véus azul-escuros a cair-lhes pelas costas. Umhas poucas possuíam trotinetas de metal brilhante — ou *corquinets*, em hebraico — com pneus de borracha, enquanto a minha era daquelas baratas, de madeira, com rodas rígidas. A minha mãe ganhara-a

no Konsum, onde fazia as compras. De vez em quando eu conseguia levar emprestada uma maravilha daquelas, especialmente de uma rapariguinha com caracóis em espiral como os da Shirley Temple. Ela deixava-me descer por duas vezes o caminho descendente, que era o melhor porque eu podia simplesmente subir para a trotinete e conduzi-la, enquanto ela seguia sozinha ladeira abaixo, sem ter de a propulsionar com o pé.

Mas o mais frequente era ser a Maria a levar-me ao parque, quando a mãe estava ocupada com outras coisas. Era mais divertido. A Maria não parecia educar-me; ela própria era como uma grande criança.

A caminho do Stromovka víamos frequentemente o «Frantík Maneta», um amputado que ganhava a vida demonstrando a sua perícia a usar uma máquina de escrever com os dedos dos pés. Sentado no seu carro de rodas baixas, era bem conhecido nas ruas de Praga e as pessoas reuniam-se à sua volta e atiravam-lhe moedas para o chapéu. Mas ver pessoas ou animais em sofrimento sempre me causou pontadas de piedade.

Uma vez, enquanto eu e a Maria vínhamos de regresso do parque, encontrámos uma mulher com uma rapariga com perto da minha idade, cujo braço estava metido em gesso. Parecia que o braço da rapariga terminava no cotovelo e a coisa branca estava presa ao coto, no lugar da mão. Nunca antes tinha visto uma coisa daquelas e, horrorizada, perguntei o que era. Num repente de inspiração, a Maria disse: «Isto aconteceu à rapariga porque tirou macacos do nariz.» Fiquei aterrorizada. Sabia que tinha esse feio hábito. Costumava despender um grande esforço para não o fazer, mas não conseguia dominar a vontade; o meu dedo simplesmente subia à narina contra a minha vontade. Mas depois desse dia consegui pelo menos só o fazer quando julgava que ninguém conseguiria ver-me.

QUANDO EU ERA PEQUENA NÃO ESTAVA CONSCIENTE DAS DISTINÇÕES DE classe. As famílias que conhecia viviam de uma forma muito semelhante à nossa. Éramos aquilo que é normalmente considerado classe média, mas o salário do pai não era grande, pelo que tínhamos de calcular as despesas cuidadosamente. Por exemplo: os meus pais punham de parte uma certa soma durante o ano inteiro, a fim de pagar as nossas férias de verão.

Mais tarde, na primeira classe, conheci um rapaz rico. O seu nome era Fredy Petschek. O Fredy era trazido todas as manhãs para a escola num carro conduzido por um motorista, e ao meio-dia o automóvel estava outra vez à espera dele à frente da entrada. Vivia numa grande vivenda com um parque, rodeada por um muro alto. O pai era dono de minas de carvão e de

bancos. Um dos bancos era um enorme palácio no centro da cidade; mais tarde tornou-se famoso quando os ocupantes alemães o transformaram na sede da Gestapo.

A mãe do Fredy era uma senhora fina, que por vezes víamos no carro. Eu ouvi alguns adultos dizerem que ela tinha tanto medo de micróbios que, quando ia comprar material para vestidos, levava sempre uma criada para tatear os tecidos, não fosse apanhar alguma infeção.

O pequeno Fredy era uma criança magra, que punha a cabeça um pouco de lado. Normalmente esquecia-se de tirar o saco com a sanduíche que trazia ao pescoço, e andava com ele assim a manhã inteira. Era frequente as crianças da turma troçarem dele; tinha uma forma esquisita de caminhar, com os joelhos juntos. Mas ele não reparava ou não se importava, como se fosse distraído. Era seu hábito escarafunchar no nariz. Uma vez disseram aos alunos da primeira classe para darem pequenos presentes uns aos outros; não me lembro da ocasião. Um dos rapazes deu ao Fredy uma grande caixa. Todos observámos ansiosamente para ver o grande presente. Quando ele a abriu encontrou uma caixa mais pequena e outra ainda mais pequena, até que na última descobriu o minúsculo presente. Era um palito com algodão na ponta. «É para te ajudar a tirar macacos do nariz», disse o brincalhãozinho, explicando o presente.

A história do Fredy Petschek não termina aí. Quando estive nos Estados Unidos, há alguns anos, digamos que em 2010, conheci uma senhora chamada Nancy Petschek. Devia pertencer àquela família, pensei. Perguntei-lhe se tinha alguma relação com Fredy Petschek. Ela pensou durante algum tempo e depois disse: «Esse podia ser o tio Alfred.» Engraçado!, pensei. O pequeno Fredy era agora o tio Alfred! «Eu pergunto-lhe se andou na mesma escola que a senhora», disse ela. Mas, infelizmente, antes de ter oportunidade de o fazer, o tio Alfred Petschek morreu.

Outra criança rica era a minha colega de turma Annemarie Brösslerová. No seu aniversário houve uma festa com maravilhosos doces e gelado, e cada uma das raparigas recebeu um presente. A festa foi presidida por uma governanta e quando perguntámos onde estava a mãe dela a Annemarie disse que estava algures em casa. Isso surpreendeu-me, mas a Annemarie disse que eles tinham oito assoalhadas e era frequente não saber em qual delas a mãe estava.

Eu invejava a Annemarie — não por causa das muitas assoalhadas ou dos livros e brinquedos que ela tinha, mas por ter um irmão mais velho. Entre as minhas melhores amigas de infância era ela a única que tinha um irmão. As outras — a Raja, a Gerta e a Anita — vinham todas de famílias de

filha única como eu. O irmão da Annemarie era bonito; colecionava selos e andava de bicicleta. Eu admirava-o tanto!... Desejava ter um irmão grande como ele.

Pobre Annemarie. Quando os alemães começaram a deportar os judeus, ela e a família foram enviadas para o gueto de Łódź num dos primeiros transportes que partiram de Praga. Nunca mais ouvi falar dela. Antes da partida fui despedir-me dela; apontou para os livros, que eu costumava pedir-lhe emprestados, e disse: «Leva os que quiseres. Vão ser todos deixados cá.»

Escolhi um que tinha lido várias vezes, um romance para raparigas, pateta e sentimental. Mas ao levá-lo já sabia que em breve também eu o deixaria para trás, juntamente com os meus próprios livros e brinquedos, quando chegasse a nossa vez de sermos deportados.

TERCEIRO CAPÍTULO

Anita



Anita Steiner

Um dia, ainda não morávamos há muito tempo na Casa Elétrica, vi uma grande camioneta das mudanças à frente da entrada. Trabalhadores carregavam mobília para dentro do edifício, orientados por uma senhora. Quando ela me viu perguntou-me se eu morava ali, qual era o meu nome e que idade tinha. Depois disse que também tinha uma filha da minha idade e que tínhamos de nos tornar amigas.

A Anita foi minha amiga durante muitos anos, embora a nossa relação fosse estranha e desigual. A Anita era muito mais alta do que eu, apesar de ser apenas seis meses mais velha. Era sempre ela quem decidia ao que íamos brincar e por vezes tinha ideias estranhas.

Os Steiner viviam no segundo andar, dois pisos abaixo de nós. A mãe da Anita, Hilde, gostava de mim e costumava chamar-me *Shpuntl*, um engraçado termo carinhoso para criaturas pequenas. Era conveniente que eles vivessem no mesmo edifício; as minhas outras amigas, a Gerta e a Raja, com as quais eu preferia brincar, viviam a algumas ruas de distância.

A Anita planeou um projeto grandioso: íamos preparar um espetáculo de marionetas. Ela possuía um palco de montar, com uma cortina à frente e vários cenários: um bosque, uma sala de castelo com um trono para o rei, uma rua de aldeia. Havia fatura de marionetas operadas por cordéis: uma bruxa, uma bela donzela, um palhaço, um cavaleiro, uma rainha e um rei. A Anita decidiu que devíamos pintar outro cenário de cartão para o seu espetáculo. Nunca cheguei a saber qual era a história. Ela mudava de ideias de poucos em poucos dias e de cada vez que o fazia começávamos a fazer um novo cenário. Passámos semanas atarefadas a pintar, a fazer roupa para as marionetas e a preparar o palco. O espetáculo nunca se materializou. Quando lhe perguntava qual era o tema da peça, ela limitava-se a mudar de assunto. A Anita era a líder e eu a seguidora, relutante mas obediente.

Um dia ela decidiu que eu devia passar a noite com ela. Não pediu autorização e disse que devíamos guardar segredo; caso contrário as mães não o permitiriam. Trouxe almofadas e mantas para o seu quarto e espalhou-as pelo chão. Depois trancou a porta. Quando chegou a hora de deitar, a Maria veio buscar-me, mas a Anita sussurrou que devíamos fingir que estávamos a dormir e não responder. A Maria bateu à porta, depois a mãe da Anita juntou-se a ela e quando isso não resultou chamaram a minha mãe. Eu senti-me pessimamente, pois não tinha nenhuma vontade de dormir no chão duro do quarto da Anita, e pela minha parte simplesmente não havia motivo para nos comportarmos de forma tão desregrada. Mas obedeci às instruções da Anita e fiquei em silêncio. Por fim, as três mulheres arranjaram forma de entrar no quarto e a Anita teve um ataque de fúria. Eu fui levada para casa,

pelos dois andares acima, sentindo culpa e vergonha porque não era capaz de explicar por que motivo tínhamos feito aquilo.

Contudo, descontando as suas estranhas ideias sobre jogos, a Anita era uma amiga leal. Mostrou-o mais tarde durante a ocupação alemã, quando já tínhamos de usar a estrela de David amarela com a palavra *Jude* e a população ariana estava proibida de ter qualquer contacto com judeus. Como o pai dela era alemão e a mãe judia, os pais julgaram aconselhável que a Anita se inscrevesse na organização BDM — Bund Deutscher Mädel... a Liga das Raparigas Alemãs — uma secção da Juventude Hitleriana. O Sr. Steiner fazia parte da minoria alemã, que ascendia a três milhões de pessoas e vivia há séculos na Boémia — uma região histórica da atual República Checa —, a maioria na área fronteira, os Sudetas. Trabalhava num banco e, tanto quanto eu soubesse, não era ativo politicamente.

A Anita veio visitar-me com frequência ao nosso atafalhado apartamento de uma assoalhada, onde vivemos antes da deportação. Falava-me das atividades nos encontros do BDM, que faziam lembrar as dos escuteiros. Trazia sempre qualquer coisa que os judeus já não podiam comprar, como uma peça de fruta fresca ou um pouco de mel.

Quando regresssei dos campos, depois da guerra, visitei várias vezes a Anita. Ela contou-me como a mãe tinha sido deportada para Terezín durante os últimos meses da ocupação e como o pai, por ser marido de uma judia, fora internado num campo de trabalho. A Anita foi deixada sozinha em Praga e ficou extremamente preocupada com os pais. Quando a visitei, em julho de 1945, os pais estavam de volta e a Anita era solícita com eles como uma mãe-galinha. A Sra. Steiner viu que eu não tinha nada para vestir, uma vez que acabara de voltar de Bergen-Belsen, e deu-me um par de meias e mais algumas coisas de que podia prescindir.

Um dia cheguei e encontrei a porta do apartamento deles selada pela polícia. Não fazia ideia do que tinha acontecido e desci para ir ter com o administrador; talvez ele pudesse explicar.

«Eles eram alemães, percebe?», disse ele. «E fugiram antes de serem expulsos pelo governo.»

Toda a minoria alemã da Checoslováquia foi expulsa para a Alemanha alguns meses depois do fim da guerra. Os Steiner, no entanto, não teriam sido expulsos, uma vez que também eles haviam sido perseguidos pelos alemães. Apesar disso, a Anita desapareceu da minha vida e nunca mais ouvi falar dela.

Gerta



Entre todas as minhas amigas, a única realmente chegada era a Gerta Altschul.

Eu também invejava a Gerta. Ela não tinha um irmão, mas possuía dois vestidos de patinadora, que a mãe preparara para o dia em que fosse suficientemente hábil para dançar no gelo. Ambos os vestidos tinham umas saínhas minúsculas, que rodopiavam lindamente quando ela fazia piruetas; um era feito de veludo azul-escuro, o outro era cor de vinho.

Nós íamos patinar juntas para o Estádio de Inverno, a algumas paragens de elétrico da nossa rua. Eu era obrigada a usar calças grossas por cima da minha roupa interior de lã, um barrete de malha e luvas forradas de pele, que ficavam cobertas com uma crosta de gelo devido às muitas quedas que dava. A Gerta não tinha autorização para usar os seus frágeis vestidos. Também estava envolta em roupa quente, como eu, mas a dela era mais elegante do que a minha.

A Gerta tinha aulas de patinagem artística para ser uma segunda Sonja Henie, que a mãe admirava. Entretanto, nós envergávamos os vestidos de veludo em casa dela, onde brincávamos quase todas as tardes e dançávamos em bicos de pés, trauteando valsas em vez de música verdadeira. Nem a família dela, nem a minha, possuía um rádio ou um gramofone. Por vezes também brincávamos na minha casa, mas eu preferia ir à dela. A mãe da Gerta compreendia o desejo das rapariguinhas de vestirem roupa elegante, fitas, xailes e sapatos de salto alto. E eu adorava o lanche que ela costumava fazer para nos dar: uma pequena tigela de requeijão caseiro salpicado com sal.

O pai da Gerta era judeu, mas a mãe não era. À época isso não tinha importância, mas mais tarde, quando os alemães começaram a perseguir os judeus, a Gerta foi poupada porque os filhos de casamentos mistos que não estavam registados como judeus não eram deportados. O pai, no entanto, morreu na Pequena Fortaleza de Theresienstadt.

Eu, em muitas coisas, queria ser como a Gerta. Ela não só aprendia patinagem artística como também aprendia inglês com uma senhora que

a levava a passear pelo parque — o Letná, claro — e só falava com ela em inglês. Quando nos encontrávamos, ela não parava e continuava a caminhar, conversando com a professora.

Eu e a Gerta decidimos parecer irmãs. A mãe dela sugeriu à minha que a sua costureira fizesse vestidos iguais para nós. Eu senti que a minha mãe não ficou entusiasmada — talvez não tivesse o mesmo gosto da Sra. Altschul — mas concordou. Cada uma de nós ganhou dois vestidos, e eu gostava particularmente de um. Era feito de um suave tecido de lã, vermelho como um carro dos bombeiros, com um corpete apertado, saia larga e um colarinho de renda branca. O que a minha mãe não conseguia compreender era o motivo por que um vestido tão quente teria mangas curtas: para o verão era demasiado quente; para o inverno não era prático. Também fomos juntas à sapataria Bata, onde comprámos os mesmos sapatos, dois pares para cada uma. Dois pares de sapatos de uma só vez! Fiquei tão impressionada pela inaudita extravagância que nunca mais a esqueci. Mas não voltou a acontecer; a minha mãe, sensata, não estava disposta a deitar fora dois pares de sapatos de uma só vez, os quais, naturalmente, já tinham deixado de me servir menos de um ano depois.

Nós queríamos que os nossos pais se tornassem tão bons amigos como nós éramos. Os Altschul estavam mais que prontos para isso e convidaram os meus pais para celebrar a véspera de Silvestre¹ em sua casa. Eu e a Gerta preparamos o entretenimento. Tínhamos cerca de 8 anos. Ensaíamos um balé e, depois da refeição festiva que a mãe da Gerta preparou, apresentámo-lo, envergando os vestidos de patinagem da Gerta, acompanhadas pelo nosso próprio canto. Os pais assistiram, sentados à volta da mesa, e aplaudiram; nós fizemos profundas vénias e atirámos beijos como verdadeiras bailarinas. Depois, o Sr. Altschul, que era caixeiro-viajante, contou algumas anedotas, uma das quais era nojenta. Tinha a ver com um homem que dormia numa casa desconhecida e não encontrava a retrete, e por aí fora. As mães conversavam uma com a outra, mas o meu pai estava sentado rigidamente e eu senti o seu desconforto com aquela companhia incompatível. A meia-noite finalmente chegou, nós saudámos o Ano Novo e fomos para casa, para alívio dos meus pais. Mas eu sabia que a festa não tinha sido um sucesso.

¹ A véspera de Ano Novo do calendário gregoriano — usado na maior parte do mundo, incluindo em Israel, apesar de a prática ser criticada por comunidades religiosas que defendem o uso do calendário hebraico — é conhecida entre as comunidades judaicas oriundas da Europa Central como Dia de Silvestre, seguindo a terminologia alemã. A autora, aqui, fala de «véspera de Silvestre», misturando as duas designações do mesmo dia: véspera de Ano Novo e Dia de Silvestre. (N. do T.)

Todos os anos em março, no Dia de S. Matias, há uma feira em Praga chamada Matějská Pouť. Costumava ter lugar num enorme terreno circular em Dejvice, um dos subúrbios da cidade. Eu e a Maria fomos até lá de elétrico e mesmo de longe conseguíamos ouvir a música alta. Havia carrosséis com cavalos brancos apoiados nas patas traseiras, baloiços com bancos em forma de barco onde nos podíamos sentar, mas os jovens mais corajosos ficavam em pé e faziam o barco subir até ao céu, de forma que os seus corpos ficavam horizontais. Havia barracas de tiro, onde podíamos ganhar um animal de peluche ou uma estatueta de gesso do Amor, com lábios vermelhos e asas azuis, carrinhos de mão com algodão-doce cor-de-rosa ou delícias turcas duras e peganhentas. No entanto, o mais interessante de tudo era o grande carrossel, com os bancos pendurados de correntes.

A primeira volta começou lenta, com as cadeiras a oscilar suavemente de um lado para o outro, mas a cada volta a velocidade aumentava e nós éramos empurradas para fora pela força centrífuga e eu senti o estômago a dar uma volta. O meu medo transformou-se num terror que me apertava e depois num estado de abandono. Quando parámos, escorreguei para fora do banco de metal sobre pernas trémulas e tentei dominar a náusea. Mas devia estar tão pálida que a Maria me reconfortou dizendo: «Este carrossel não é tão agradável como eu pensava; não vamos voltar a andar nele.» Eu protestei, porque apesar de tudo gostara do susto; causava-me uma sensação sensual no baixo-ventre.

O NOME DO MEU PAI ERA HANS — EM CHECO, HANUŠ OU JAN. ERA BEM-proporcionado, de média altura, com ombros direitos e um corpo esguio. Tinha um cabelo curto, escuro e ondulado, um nariz judaico e olhos verdes acinzentados, iguais aos meus, aos quais a minha mãe costumava chamar «os olhos do papá». Andava sempre vestido com cuidado, com as unhas perfeitamente limpas, e quando tirava a roupa ao deitar punha tudo bem dobrado em cima de uma cadeira. Pegava nas chaves, no pente de bolso e na carteira e pousava-os na mesa. No roupeiro havia colarinhos engomados amovíveis, arrumados na mesma ordem da pilha de camisas passadas a ferro. O colarinho era mudado diariamente e a camisa dia sim, dia não. Vejo o meu pai em pé à frente do espelho, a decidir que gravata combinava com a cor da camisa e enfiando um lenço limpo no bolso de peito. A cama ainda está por fazer, porque a Maria só entrava no quarto depois do pequeno-almoço, para arejar os cobertores e as almofadas na janela aberta. Quando eu

regressava do jardim de infância, e mais tarde da escola, a cama estava lisa e bem feita, tapada com a colcha bege, e o quarto cheirava a fresco.

Um dia, eu e a mãe fomos ver onde o pai estava a trabalhar. Apanhámos o elétrico até aos arredores da cidade. Aí, na encosta que dava para o Vltava, erguia-se o impressionante Instituto da Segurança Social, um enorme edifício com uma grande cúpula no meio. Dentro do grandioso átrio havia dois maravilhosos elevadores sem portas em deslocamento lento, um para cima e o outro para baixo, sem parar. A mãe dizia que lhes chamavam Paternoster (as primeiras palavras da prece católica), porque as pessoas tinham medo de andar neles e rezavam a Deus por segurança. Eu também tive medo e perguntei-lhe ansiosamente o que aconteceria se não saíssemos no andar de cima; o elevador virava-se ao contrário e descia de cabeça para baixo?

Fiquei imensamente impressionada com o escritório do pai, e orgulhosa por ele ser um homem tão importante. Ele era o Dr. Hans Polach, doutor em direito. No Instituto de Segurança Social defendia os interesses dos trabalhadores, uma tarefa que combinava com os seus pontos de vista políticos. Treinara no escritório de advogados do Dr. Ludwig Czech, que mais tarde se tornou ministro dos Assuntos Sociais do governo checoslovaco. Nessa altura já decidira não se dedicar à advocacia privada porque isso podia tê-lo obrigado a defender criminosos, sabendo que eram culpados, algo que a sua consciência não poderia suportar. Por isso escolheu tornar-se empregado assalariado do Estado e nunca enriqueceu, ao contrário de muitos outros advogados judeus.

Não muito longe do escritório do pai, nas margens do Vltava, havia uma zona para banhos, onde íamos frequentemente nadar no verão. A mãe e eu chegávamos de elétrico e o pai ia-se juntar a nós ao fim da tarde, depois do trabalho. Havia relvados e cabinas para mudarmos de roupa e pontões de madeira, dos quais os banhistas podiam saltar para o rio. Para as crianças e os que não sabiam nadar havia cercados flutuantes, rodeados por um passadiço e um corrimão. O nadador-salvador era também professor de natação. Estendia um grande varão com uma corda por cima do corrimão e o aluno estava amarrado ao varão com um cinto de tecido em volta da barriga. O guarda entoava «E um, e dois, e um e dois» enquanto a ofegante vítima tentava mexer os braços e as pernas ao ritmo da cantilena.

Depois de vestirmos os fatos de banho — de lã, claro, porque os tecidos sintéticos ainda não tinham sido inventados — a mãe esfregava-nos as costas e os ombros com manteiga de cacau, a loção de bronzear desses tempos. Parecia um grande cubo de sabão castanho e tinha um cheiro muito característico, que ainda hoje recordo. A mãe e o pai costumavam nadar

até à margem oposta e de lá para cá, enquanto eu brincava na lagoa pouco profunda.

Foi aí que — com três ou quatro anos — tomei pela primeira vez consciência da minha nudez, como Adão e Eva após a Queda. A mãe tinha-me tirado a roupa para me vestir o fato de banho e de súbito senti que o meu «popo» estava exposto. Envergonhada, sentei-me rapidamente na manta e tapei as virilhas com as mãos. Tinha feito uma dessas inevitáveis transições da inocência para o saber. Desde esse dia, nunca mais deixei que a mãe me despisse em público.

O PAI ADORAVA LIVROS. LIA ANTIGOS CLÁSSICOS GREGOS E LATINOS, LITERATURA alemã e francesa, mas gostava acima de tudo de história e geografia. Passava a maior parte do tempo livre a ler, sentado no sofá verde por baixo da lâmpada de leitura. Havia nele uma quietude que era como se estivesse rodeado por um casulo de tranquilidade. Movia-se em silêncio e fechava as portas sem fazer ruído; nenhum tinido se ouvia quando ele pousava a chávena no pires. Com o *Atlas do Mundo* sobre as coxas, viajava com o dedo sobre os continentes.

A mãe disse-me uma vez que quando viajaram pela Suíça e Itália na lua de mel o pai ia apontando para todas as montanhas por que passavam, dava nota do seu nome e altura, sabia o nome e a extensão de todos os rios e o número de habitantes das cidades onde paravam, a ponto de ela se sentir envergonhada à frente dos outros passageiros, que deviam achá-lo exibicionista e chato.

O pai queria apresentar-me à boa literatura e quando eu tinha cerca de 10 anos decidiu que eu podia ler *Peer Gynt*, de Ibsen. Claro que era muitíssima areia para a minha camioneta e não me interessou de todo. Desde então passei a evitar todos os livros que o meu pai recomendasse, julgando que deviam todos ser aborrecidos. Foi assim que tive na minha posse *A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson*, de Selma Lagerlöf, durante vários anos sem o ler, porque o pai tinha dito que era uma história agradável. Quando finalmente abri um dia o livro, por ter deixado de ter outras coisas para ler, fiquei tão encantada que não o pousei até o terminar, e depois voltei imediatamente a ler do início.

Os meus pais adoravam música e iam frequentemente à ópera e a concertos. Ambos tocavam piano suficientemente bem e por vezes tocavam a quatro mãos, coisa de que eu gostava. Assinalei as peças que mais apreciava em maiúsculas, no livrinho de música verde, com montes de erros ortográficos na minha letra de pré-primária. As minhas preferidas eram a *Serenata*

de Schubert e uma canção sobre uma rosa que um rapaz travesso queria colher, mas a rosa vingava-se e picava-lhe o dedo com um espinho.

O meu pai tinha sido soldado na I Guerra Mundial. Foi recrutado perto do fim da guerra, logo após os exames de matrícula, quando tinha 18 anos. Foi ferido na frente italiana. Lembro-me das quatro depressões, uma de cada lado das suas coxas. Uma única bala tinha penetrado em ambas as pernas, na primeira pela frente do osso e na segunda por trás, felizmente. Eu pedia sempre ao pai para me voltar a contar como fora salvo.

Ele tinha sido ferido quando a sua unidade estava em retirada e foi deixado para trás, caído no chão e a sangrar, talvez tomado como morto. Deve ter estado inconsciente durante muito tempo. Quando abriu os olhos viu dois soldados italianos por cima dele. Ao repararem que ele estava vivo fizeram tenção de o matar. Nesse momento lembrou-se do latim que tinha aprendido na escola e suplicou «*Aqua, aqua*». Os dois soldados apiedaram-se dele e deram-lhe água dos seus cantis.

Os pais não tiveram notícias dele durante muitas semanas e meses. Tinha sido feito prisioneiro de guerra e estivera num hospital militar em Nápoles, de onde via o monte Vesúvio pela janela. Os pais foram notificados de que o Hans estava desaparecido e só muito mais tarde receberam um postal dele.

Não tenho esse postal específico, mas possuo vários outros, que o meu pai escreveu da frente ao seu tio Adolf, que também estava no exército. Estão desbotados, escritos a lápis, e têm o carimbo de «Feldpost» com o retrato do *kaiser*. Só anos mais tarde, quando eu própria fui mãe, consegui imaginar a terrível ansiedade por que a minha avó e o meu avô deviam ter passado na época em que não sabiam se o filho mais velho estava vivo ou morto.

QUE BONITO ERA O CASAL QUE OS MEUS PAIS FAZIAM...! UMA FOTO DO MEU pai em calções de banho mostra o seu corpo bem-proporcionado. A mãe não era bela, mas tinha pele delicada, boas proporções e pernas bem torneadas. O cabelo era castanho-claro e usava-o enrolado na nuca, como era moda ao tempo. Os seus olhos eram azul-claros e o nariz talvez fosse um pouco comprido de mais. Estava dolorosamente consciente dos dois dentes da frente salientes, por conseguinte nunca sorria nas fotografias, exceto numa, em que o fotógrafo a apanhou distraída.

O pai e a mãe eram bons noutros desportos além da natação. Iam patinar comigo no Letná, onde no inverno os campos de ténis eram transformados em riques de gelo. O pai usava as suas *knickerbockers* verdes, que terminavam numa fivela por baixo do joelho, o blusão e as luvas de lã. Patinava lenta

e regularmente, com as mãos atrás das costas, dando voltas e mais voltas ao rinque. As orelhas da mãe estavam tapadas por uma faixa de malha. Era mais divertido quando ela também vinha; o pai era sempre demasiado sério e didático.

Ambos eram também bons esquiadores, mas aquilo que adoravam em especial era o alpinismo. Na arrecadação do nosso apartamento havia prateleiras cheias de botas com pregos, picaretas curtas e cordas, que usavam nas expedições de alpinismo que faziam nos Alpes ou nos Dolomitas. Percorriam trilhos bastante áduos acompanhados por guias de montanha. Tenho algumas fotografias que os mostram bronzeados, sentados num pico nevado na Suíça, que mais tarde vim a descobrir ser o Matterhorn.



Hans e Liesl Polach (à direita) no Matterhorn, 1933 ou 1934

...

A ARRECADAÇÃO, CHAMADA KAMMER, TINHA OUTRO PROPÓSITO. QUANDO ME portava mal (até hoje não consigo acreditar que o fazia; nas minhas reminiscências sou uma criancinha obediente...) eles trancavam-me lá até me arrepender e prometer ser uma boa menina. Na escuridão, encontrava pelo toque uma bota com pregos. O interior da porta ficou marcado pelos pregos até à altura que eu conseguia alcançar, pois batia-lhe com a bota enquanto gritava e uivava.

Não me lembro de qual foi a transgressão que cometi e que necessitou de um tal castigo. Uma vez talvez tenha sido a ocasião em que molhei o chão da casa de banho. Tinha visto rapazes urinar em pé e também queria realizar esse feito. Tentei repetidamente manter-me em pé com as pernas abertas por cima da sanita, mas era demasiado baixa e, apesar de espetar a barriga para a frente o máximo que conseguia, o xixi foi todo para o chão.

Tenho outra lembrança relativa à casa de banho. Talvez com três anos e meio, acabava de passar do penico ao recipiente dos adultos, uma noite escorreguei para dentro da sanita e fiquei entalada com a cabeça a tocar os joelhos. Não conseguia libertar-me. A minha mãe estava na sala, a fazer companhia a uns amigos; eu ouvia a conversa deles. Chamei e chamei, o mais alto que pude.

«Mamã», supliquei quando ela me levantou, lavou, secou e levou de volta para a cama, «não digas às visitas que eu caí na sanita.»

Contendo a respiração, escutei os sons que vinham da sala. Houve silêncio por um momento e depois uma sonora explosão de gargalhadas. Percebi que ela lhes tinha contado. Embaraçada, chorei até adormecer.



Dita Polach com os pais, 1932

...

O APARTAMENTO NA CASA ELÉTRICA EM PRAGA-HOLEŠOVICE FOI O NOS-
so lar desde 1932, até os alemães nos despejarem no começo da guerra, em
1939. Era um edifício novo com inovações inauditas, que eram objeto de
comentários por toda a cidade. Lembro-me do apartamento com precisão.
No átrio de entrada havia várias portas, a porta de vidro da sala e portas
simples que davam para a casa de banho e a varanda de serviço, à qual
chamávamos «gonk» e ao fundo da qual ficava o frigorífico, que vinha
com o apartamento. Os frigoríficos eram ainda muito raros; as cozinhas
tinham despensas onde se armazenava a comida. E, claro, uma porta dava
para a famigerada arrecadação. Um pequeno corredor saía do átrio e leva-
va à cozinha, ao meu quarto e à casa de banho. Ao quarto dos meus pais
chegava-se através da casa de banho ou da sala. Os quartos tinham janelas
de vidro duplo com persianas negras chamadas «Rollo». Os pisos eram
assoalhados de madeira, exceto a cozinha, que tinha um pavimento de
pedra avermelhada.

Numa das paredes do átrio havia um armário para casacos e chapéus.
Nas prateleiras superiores, a mãe guardava todas as nossas lãs durante
o verão, pulôveres, xailes e mitenes, peças enroladas individualmente
em papel de jornal com uns quantos grãos de naftalina para as proteger
das traças. Eu ficava muito entusiasmada quando a roupa era tirada de
lá e arejada no princípio do inverno, porque me tinha esquecido dela no
ano anterior e acolhia cada barrete e camisola como um amigo há muito
perdido.

Era a mesma alegria que sentia quando era autorizada a usar meias
pelos joelhos no primeiro dia agradável de primavera. No inverno usara
meias-calças compridas e grossas, como todas as outras crianças, o meu ca-
saco quente azul-escuro e botas pelos tornozelos, e ficava eufórica com a le-
veza dos meus joelhos nus e com a facilidade de movimentos que os sapatos
finos me davam.

Oh, os anos de infância, em que não há consciência da passagem do
tempo, quando um dia não tem fim e um verão parece durar para sempre...
Que alegria receber um novo par de sandálias porque as antigas ficaram
demasiado pequenas. De súbito, os meus vestidos leves e floridos apare-
ciam no guarda-fatos, juntamente com um ou dois novos. A mãe fazia-os
ela mesma, frequentemente ajudada pela minha avó. Nessas alturas, o meu
quarto transformava-se numa sala de costura e, ao longo dos dias seguin-
tes, as duas mulheres produziam não só vestidos para mim, como também
aventais, pijamas e saias. A mãe cortava o tecido a partir de moldes de papel

e a avó cosia as peças à mão. Eu tinha de me empoleirar numa cadeira e as quatro mãos delas puxavam daqui, espetavam um alfinete ali e faziam-me levantar os braços. Davam um passo atrás e diziam-me para me virar para a esquerda, depois para a direita, e por fim despiam-me o vestido lentamente pela cabeça, com cuidado para os alfinetes não me arranharem. A máquina de costura ficava perto da janela e a mãe cosia com ela, acionando o pedal com os pés; não havia motor.

Uma vez pedi-lhe para me fazer um «vestido de ténis» com uma saia curta como as que as jovens senhoras que jogavam ténis nos *courts* do Parque Letná usavam.

A mãe comprou o material mas não era completamente branco; tinha riscas coloridas e eu fiquei desapontada. «Isto não é um verdadeiro vestido de ténis», protestei. Mas, apesar disso, quando ficou pronto agradou-me.

Naqueles tempos não se compravam casacos e fatos prontos a vestir. Estes eram vistos como tendo baixa qualidade e sendo de fabrico inferior. Ia-se a um alfaiate para mandar fazer a peça por medida. Na nossa família procedíamos de outra forma.

Primeiro, era enviada uma carta para Brno, dirigida ao meu tio, Hans Bass, que tinha uma loja de têxteis e nos faria, naturalmente, um desconto. Alguns dias mais tarde chegava um pacote com amostras dos tecidos de melhor qualidade. A mãe, a avó e o pai (o avô nunca se dignava a lidar com assuntos tão mundanos) sentavam-se em volta da mesa da sala de jantar, esfregando entre os dedos as amostras castanhas, cinzentas e pretas, decidindo quais eram adequadas para um novo casaco de inverno para o avô, um fato para o pai ou uma saia e um casaco para a mãe.

Quando o pesado pacote com o material chegava de Brno era chamado o nosso alfaiate. Vivia em Pilsen e vinha de comboio, trazendo um saco de revistas de moda. Tirava as medidas, tomava notas, esboçava os modelos e regressava a Pilsen. Voltava uma segunda vez para a primeira prova, cheio de sorrisos e cortesia, transportando uma mala. Eu adorava ver como ele traçava linhas com giz branco diretamente no pano. Por vezes era necessário uma segunda prova. E depois, finalmente, as peças de roupa chegavam, novas e lindas, destinadas a durar, se não uma vida pelo menos muitas e muitas estações.

A nossa era uma família muito económica. Nada que ainda pudesse ser usado era deitado fora. Para mim, os vestidos eram feitos com grandes bainhas, para serem ampliados à medida que eu crescesse, e os sapatos eram normalmente um número acima, para poderem ser usados no ano seguinte.

Até hoje guardo sobras de material, bocados de lã e restos de comida.

Esse era, e até certo ponto ainda é, o costume dos europeus: não desperdiçar. Faz parte de uma tradição e nada tem a ver com pobreza ou abundância. A minha avó era a campeã da frugalidade. Desfiava camisolas velhas e fazia novas com a lã, que começava por lavar e esticar para voltar a torná-la lisa. Cortava tiras em espiral de velhas meias que já não pudessem ser remendadas. Com uma enorme agulha de croché fazia tapetes com essas tiras, e bastante bonitos, castanhos, beges e pretos, agradáveis e maleáveis ao andar. Outro hábito seu era guardar fósforos usados. Mantinha uma caixa para eles na borda do fogão, usando os queimados para transferir a chama de uma boca para a outra.

Quando fiquei mais velha, a avó explicou-me o motivo da sua extrema frugalidade. Eles tinham tido um filho, nascido depois do meu pai, Hans, e antes do meu tio, Ernst-Benjamin. O seu nome era Fritz e morreu antes de eu nascer. Teve de ser mantido numa instituição para doentes mentais. Não sei de que doença padecia. Foi hospitalizado em criança e desde esse dia a avó começou a poupar para que os dois irmãos tivessem dinheiro para o sustentar quando os pais estivessem mortos. O Fritz morreu aos 20 anos, mas a avó já não era capaz de alterar o hábito de economizar que se obrigara a manter durante tanto tempo.

Foi tão estranho que a nossa filha Michaela também tivesse morrido aos 20 anos... Ela adoeceu aos oito. A sua doença era incurável e disseram-nos que não viveria muito tempo. Ninguém podia prever quanto. Começámos a poupar tenazmente, de uma forma quase tão extremada como a minha avó, para garantir que os irmãos pudessem pagar os seus cuidados caso morrêssemos antes dela.

EU AMAVA MAIS A MINHA AVÓ DO QUE QUALQUER OUTRA PESSOA. MESMO agora, quase setenta anos após a sua morte, um calor calmante envolve-me quando penso nela. Era uma mulher pequena com um grande nariz e calorosos olhos semíticos castanhos. Usava roupas informes escuras que pertenciam a modas há muito ultrapassadas. O seu cabelo grisalho era reunido num carrapito e preso na nuca com ganchos. Acho que nunca na vida foi a um cabeleireiro. A sua pessoa não tinha qualquer interesse para si; a sua atenção concentrava-se inteiramente nos outros. Era a pessoa menos egoísta que eu conheci na vida, e gostaria de ter herdado dela essa qualidade. Tento ser altruísta, e luto contra o meu egoísmo, mas os meus esforços são conscientes, ao passo que para a avó era a sua natureza.

Ela nunca se zangou comigo; mesmo quando me portava mal e ela me repreendia, sentia-me totalmente aceite. Ela dizia «*Das macht man nicht*» (não se faz isso) e eu retorquia com insolência «*Das macht frau ja*» (isto é o que as mulheres fazem) (é um jogo de palavras com *man* = qualquer pessoa, *mann* = um homem, e *frau* = uma mulher).

A avó nunca abraçava ou beijava, nem a mim nem a outros membros da família. Respeitava-os a todos, mesmo se fossem seus filhos ou neta. Nunca a ouvi dar uma opinião ou criticar alguém. Simplesmente aceitava as pessoas tal como eram; todos eram tratados com o mesmo respeito, quer fosse um ministro ou uma criada. Foi a pessoa mais amável e carinhosa da minha vida. Chamava-me Edithlein; mais ninguém me chamava por esse nome.

Um dia, quando estava no jardim de infância, tive uma forte dor de barriga. A mulher do contínuo foi chamada para me acompanhar até casa. (Nota: nessa época ninguém tinha carro e poucas famílias dispunham de telefone.) De caminho insisti que ela me levasse a casa da avó, que vivia muito mais perto. Quando a avó abriu a porta, a gorda mulher quis ter a certeza de que não tinha cometido algum erro e perguntou: «A senhora é mesmo a Sra. Avó?» A avó teve de lhe responder duas vezes antes de ela sossegar e eu ri, apesar da barriga dorida.

A avó levou-me para a sala, deitou-me no sofá e foi para a cozinha. Passado algum tempo voltou com uma chávena de chá e uma tampa de panela aquecida enrolada numa toalha. Pousou-me na barriga e quando arrefeceu trocou-a por uma segunda, que entretanto tinha estado a aquecer no fogão da cozinha. Após várias trocas, a dor desapareceu miraculosamente.

Nós visitávamos os meus avós com bastante frequência. Eles tinham-se mudado de Brno para Praga durante os anos trinta, quando o avô se tornou deputado. Lembro-me do dia em que se mudaram para o seu apartamento, tinha eu três anos e meio. Houve um grande rebuliço com os homens das mudanças a transportarem grandes peças de mobiliário aos ombros, seguras por correias. Vi dois idosos que não conhecia e a mãe disse-me que esses eram o meu avô e a minha avó.

...



Johann e Katharina Polach, 1932

LEMBRO-ME COM GRANDE DETALHE DO APARTAMENTO. HAVIA AO CANTO da sala uma lareira alta de tijoleira amarela, e era muito agradável aquecermos nela as costas no inverno. Durante a noite o fogo apagava-se e, de manhã, Liesl, a criada, varria as cinzas e acendia outro lume com pauzinhos finos e jornais. Bocados maiores de madeira eram acrescentados e por fim vinha o carvão. Com a lareira apagada, a divisão era fria e eu raramente lá ia.

No meio da sala havia uma grande mesa de jantar coberta com uma manta parecida com um tapete, e quando havia visitas uma toalha de mesa branca era posta sobre a manta. As visitas sentavam-se à volta da mesa, a beber chá e a comer os bolinhos de gengibre da avó. Esses bolinhos tinham uma estranha característica: quando estavam frescos eram extremamente

duros — era possível partir um dente com eles; mas depois de passarem algumas semanas numa caixa de lata tornavam-se quebradiços e muito saborosos.

Havia um piano de cauda negro com brilhantes rodas de metal e eu gostava de o «tocar». Isso deixava o avô nervoso. Costumava dizer à avó: «Kathi, não deixes a criança atormentar o instrumento.» E a avó punha o braço em volta dos meus ombros, o que era fácil para ela por ser pouco mais alta do que eu, e levava-me para a cozinha, onde me fazia uma *topinka*. Abria o armário, libertando a fragrância das centenas de pães que contivera ao longo de uma vida, cortava uma fatia e punha-a numa frigideira enegrecida, onde a gordura de ganso estava a frigar. Fritava-a dos dois lados e depois barrava-a com alho. A minha mãe por vezes também fazia *topinkas*, mas nunca eram tão estaladiças e saborosas como as da avó. Provavelmente a frigideira tinha de ter uma crosta negra; a nossa estava sempre imaculada e brilhante. Toda a gente ficava contente quando eu comia a *topinka* inteira, porque comia tão pouco, e ficavam felizes por eu introduzir algo de nutritivo no meu corpo magro.

Perto da janela ficava a secretária do avô. Por vezes, quando os adultos estavam sentados em volta da mesa a conversar sobre política, a avó dava-me um bocado de papel e alguns lápis de cor e eu ajoelhava-me à secretária e fazia desenhos. O avô não gostava; julgava sempre que eu ia estragar a base de mata-borrão.

O sofá ficava de um dos lados da sala, e no lado oposto havia uma enorme estante que quase tocava o teto alto, com entalhes decorativos e portas de vidro. Estava repleta de tomos eruditos, mas alguns eram livros de que também eu podia desfrutar. Havia os *Contos de Fadas* de Andresen e as histórias ilustradas de Wilhelm Busch, que tinham pertencido ao meu pai e aos irmãos quando eram crianças. Eu tinha autorização para tirá-los da estante para os ver, ou então a avó lia-mos. Ela também sabia de cor montes de canções e poemas. Um poema, de Friedrich Rückert, de que eu gostava mais do que de todos os outros, era sobre uma árvore jovem que queria vestir alguma coisa mais grandiosa do que as agulhas que lhe cresciam nos ramos. O desejo foi-lhe concedido e na manhã seguinte viu-se coberta de lindas folhas verdes. Mas as cabras vieram e comeram as folhas. A arvorezinha pediu folhas novas, mas desta vez a geada queimou-as e de novo se viu nua. De todas as vezes acontecia qualquer coisa às folhas novas, até que a pequena árvore pediu humildemente para recuperar as suas velhas agulhas e nunca mais voltou a queixar-se.

A avó recitava o poema com emoção, fazendo variar a voz de sonora a um sussurro, e eu suspirava de alívio no fim, quando tudo ficava bem.

A avó cantava, na sua voz algo trémula, canções que eu julgava serem melodias populares. Só em adulta descobri que uma era uma canção de embalar de Brahms e outra um *lied* de Mozart. A avó tinha muito pouca instrução formal, mas possuía uma quantidade surpreendente de informação sobre música clássica. Era a mais velha de quatro filhos e tivera frequentemente de cuidar dos irmãos quando a mãe ia trabalhar. A profissão da minha bisavó era alguma coisa semelhante a uma parteira: cuidava de jovens mães que tinham dado à luz. Nessa época era costume contratar uma mulher experiente para cuidar do bebé, porque a mãe não devia levantar-se da cama antes de passarem seis semanas. O meu bisavô estava no estrangeiro, a tentar fazer fortuna em terras distantes. A avó, por exemplo, tinha nascido na Hungria, onde o pai trabalhara durante vários anos como gestor da propriedade de um nobre qualquer. Depois regressaram a Brno, onde a família ficou enquanto o bisavô voltava a partir. Foi para a América, a fim de trabalhar para o barão de Hirsch, o construtor de ferrovias. Por fim desapareceu por completo; ninguém sabe onde está enterrado.

A avó Kathi cresceu na pobreza. Quando era adolescente conheceu um certo Alfred Fröhlich, que tocava um instrumento na orquestra sinfónica, e frequentava amiúde os ensaios. Contou-me como se sentava no balcão e escutava as instruções do maestro, tornando-se assim bastante informada sobre música clássica. Eu teria esquecido o nome do homem, claro, se ela não me tivesse dado pelo sétimo aniversário um diário encadernado a couro com uma pequena fechadura e uma chave. Tinha sido um presente que Fröhlich lhe dera e ela guardara-o desde a juventude. Nunca escreveu nele, mas na primeira página está a dedicatória do amigo, datada de 27 de outubro de 1892. Quem sabe que sentimentos existiriam entre Kathi e Alfred? Poderia ela estar apaixonada por ele? Nunca saberei; já se passaram desde então mais de cento e vinte e cinco anos.

Miraculosamente, o diário continua na minha posse, apesar de a chave se ter perdido há muito. Uma amiga, Judith Lamplová, guardou-mo, juntamente com algumas fotografias e lembranças, quando fomos deportados para Terezín. Como um dos seus pais não era judeu, ela não foi enviada para o gueto. Quando voltei dos campos depois da guerra, a Judith devolveu-me o diário. Há entradas que escrevi em 1941-42, antes da nossa deportação, descrições infantis do que fazia em cada dia, mas também nomes dos meus amigos que estavam no transporte seguinte. Uma entrada, porém, contém a importantíssima informação sobre o meu primeiro beijo. Recebi-o de um rapaz chamado Erik. Teve lugar enquanto estávamos sentados à sombra de uma árvore no velho cemitério judaico, na pedra tumular de um judeu há

muito esquecido, a 8 de julho de 1942. Foi um beijo desajeitado, húmido e desengonçado.

Mas isso foi mais tarde. Por agora, a minha vida ainda seguia o seu curso normal.



Dita Polach, 1942

QUANDO EU ERA PEQUENA SOFRIA INFLAMAÇÕES RECORRENTES DO OUVI-
do. Lembro-me de como doía e de como a mãe me pousava a cabeça no colo
e me administrava gotas mornas nos ouvidos.

Uma noite, os meus pais saíram e puseram a minha cama na sala para
que a Maria pudesse dormir ao meu lado no sofá verde. O meu ouvido

doloroso estava acolchoado com uma grande bola de algodão, mantida no lugar por um barrete de malha, e foi-me posta debaixo da cabeça uma almofada elétrica.

A meio da noite, a Maria foi despertada por um cheiro acre desconhecido. Correu para junto de mim e descobriu a almofada em brasa; o barrete tinha um buraco queimado e o algodão estava a começar a incendiar-se. Devia ter havido um curto-circuito, mas eu não sentira nada; nem sequer despertara. Foi um acontecimento assustador; mais tarde ouvi-o contar muitas vezes. Tenho de confessar que conservei até hoje uma certa antipatia por almofadas e cobertores elétricos.

As minhas inflamações auriculares terminaram quando o Dr. Desensy-Bill, o nosso pediatra, decidiu mandar remover as minhas amígdalas. Esta é uma das minhas recordações inesquecíveis de infância. Não por causa da operação, mas devido ao táxi. Foi a primeira vez na vida que andei de carro. Em Praga apanhava-se um elétrico e para sair da cidade um comboio. Ninguém possuía carro; as únicas pessoas que eu conhecia que tinham carro eram os nossos vizinhos do mesmo andar, o Sr. e a Sra. Moller. A Sra. Moller, que coxeava um pouco, era uma mulher jovem que não tivera filhos e me convidava frequentemente para sua casa. O seu nome também era Edith, o que nos tornava homónimas. Tinha montes de revistas — algo que eu nunca via em casa — com fotografias de lindas estrelas de cinema. Era uma dona de casa perfeccionista, sempre a fazer bolos e a polir os soalhos. Na cozinha usava chinelos vermelhos, mas quando ia ao cabeleireiro descalçava-os à porta e calçava outros azuis. Sempre que entrava e saía descalçava-se e calçava os chinelos azuis e os chinelos vermelhos, os chinelos azuis e os chinelos vermelhos. Fazia-o para poupar os tapetes, explicou a Maria com um ar trocista. Mas os Moller nunca me levaram a passear no seu carro.

Fiquei tão excitada na expectativa do táxi que me esqueci de que ele me ia levar ao médico que ia cortar-me as amígdalas. Não me lembro da operação, só do facto de ter ganho uma porção dupla de gelado para me arrefecer a garganta dorida. E a mãe explicou-me que as amígdalas iam voltar a crescer; só tinham sido cortadas, não extraídas.

Era uma ideia reconfortante. Durante os anos seguintes, acreditei que se alguém perdesse um órgão ele voltaria a crescer. Quando via um inválido numa cadeira de rodas era um alívio saber que lhe cresceria uma nova perna para o lugar da que faltava. Isso ajudou-me a suportar a compaixão pela pessoa que sofria.

...

ANDEI APAIXONADA POR RAPAZES DESDE QUE ME LEMBRO. NO JARDIM INFANTIL checo havia um rapaz bonito cujo nome esqueci. Tive um fraco por ele e sentia as bochechas corar quando o encontrava à tarde no parque: ele com a mãe e eu com a Maria ou com a minha mãe. Um dia em que ele sangrou do nariz no jardim infantil, emprestei-lhe o meu lenço. Alguns dias mais tarde a mãe devolveu-o, lavado e passado a ferro, e eu senti-me orgulhosa e importante como se lhe tivesse salvado a vida.

Na primeira classe havia o Helmut, de novo o rapaz mais bem-parecido da turma. Ele também era popular junto das outras raparigas, mas isso não me impediu de me apaixonar por ele. Era uma escola alemã, uma esquina afastada da minha casa, que frequentei da primeira à terceira classe. O Helmut, como o resto dos alunos, pertencia à minoria alemã que era cidadã da Checoslováquia.

Eu e a Gerta estivemos apaixonadas pelo mesmo rapaz quando tínhamos cerca de nove anos. Ele vivia na rua dela e mostrava-nos todos os tipos de proezas na bicicleta. Dava meia-volta em cavalinho, saltava da rua para o passeio e do passeio para a rua, e nós admirávamo-lo imenso. Ele parava à porta da casa da Gerta, ria e batia palmas. Eu e a Gerta éramos rivais pela sua atenção, mas secretamente eu sentia que ele me preferia porque uma vez me acompanhou na bicicleta durante todo o caminho da casa da Gerta até à minha, a três ruas de distância.

Outro fraquinho que partilhámos foi um jovem artista de circo com uns 14 ou 15 anos. A tenda do circo estava num lote vago perto da casa da Gerta. Vimos o espetáculo duas vezes, como devia ser, com bilhetes, só para vermos o ágil rapaz atlético de tronco nu atuar numa escada sem apoio. O número dele era acompanhado por uma certa melodia de valsa, que mo traz à memória sempre que a ouço. Demorávamo-nos junto da vedação do circo quase todos os dias para captar um vislumbre dele e depois passávamos eternidades a descrever uma à outra os seus traços. Mas quando o circo desarmou a tenda algumas semanas mais tarde e foi embora, o nosso jovem atleta foi esquecido sem uma lágrima.